



DESSENDANDO AS CIDADES INVISÍVEIS: PÓS-MODERNIDADE E GEOMETRIA EM ITALO CALVINO¹

Daniela da Silva Santos KROGH²
Silvia DAFFERNER³

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise de *As cidades invisíveis* (1972), de Italo Calvino, livro que se enquadra na produção literária pós-moderna, cujas características podem ser notadas por toda a narrativa. O artigo também apresenta uma análise da construção deste livro a partir das propostas do grupo literário francês Oulipo, que se utiliza de elementos da matemática para produzir textos literários. Calvino era membro deste grupo, cujas propostas influenciaram alguns de seus trabalhos. No que se refere ao livro analisado, o seu índice segue os princípios oulipianos e pode ser comparado a um tabuleiro de xadrez, apresentando uma construção aparentemente rígida, mas que revela a fluidez com que temáticas vão se conectando. Foram também analisadas algumas das cidades criadas por Calvino, considerando que a cidade é o objeto/símbolo predominante em sua narrativa. Para dar suporte à nossa discussão privilegiamos textos do próprio Italo Calvino, visando compreender a maneira como ele pensou *As cidades invisíveis*, além de trabalhos que consideramos essenciais sobre questões teóricas voltadas ao campo dos estudos literários.

PALAVRAS-CHAVE: Italo Calvino. Pós-modernidade. Literatura.

1 Artigo produzido como exigência para conclusão do curso de pós-graduação *Latu Sensu* Português: Língua e Literatura da Universidade Metodista de São Bernardo do Campo (EAD).

2 Doutora (bolsa CAPES) em Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2018). Estágio de pesquisa no exterior, no âmbito do Programa de Estágio de Pesquisa no Exterior (PDSE/CAPES), na Aix-Marseille Université e Maison Méditerranéenne des Sciences de l'Homme (Laboratório TELEMME, França, 2017). Mestre em Urbanismo (2013) pelo Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Possui graduação História (Licenciatura Plena e Bacharelado) pelo Centro Universitário Fundação Santo André (2002). Tem experiência na área de História, com ênfase em História, História Urbana e História do Urbanismo. Endereço eletrônico: <danielaclio@yahoo.com.br>.

3 Mestra em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-graduação Lato Sensu da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Endereço eletrônico: <dafferner@uol.com.br>.



UNREVEALING *INVISIBLE CITIES*: POSTMODERNITY AND GEOMETRY IN ITALO CALVINO

ABSTRACT: This article presents an analysis of *Invisible Cities* (1972), by Italo Calvino, a book that fits into the post-modern literary production, whose characteristics can be noticed throughout the narrative. The article also presents an analysis of the construction of this book from the proposals of the French literary group Oulipo, which uses mathematics elements to produce literary texts. Calvino was a member of this group, whose proposals influenced some of his works. With regards to the analyzed book, its index follows the oulipian principals and can be compared to a chessboard, presenting a seemingly rigid construction, but which reveals the fluidity with which themes are connecting. Some of the cities created by Calvino were also analyzed, considering the city is the predominant object / symbol in its narrative. In order to support our discussion, we privileged texts by Italo Calvino himself, aiming to understand the way he thought *Invisible Cities*, in addition works we consider essential about theoretical issues related to literary studies field.

KEYWORDS: Italo Calvino. Postmodernity. Literature.

INTRODUÇÃO

Italo Calvino (1923-1985) foi um escritor peculiar. Sua obra é extensa e é formada tanto pela ficção como ensaios e críticas, sendo muitas delas voltadas ao seu próprio trabalho. Esta marca de Calvino, ou seja, uma produção escrita que foi além da ficção é muito importante para a compreensão de sua obra. No que se refere ao estilo literário, é difícil definir em qual a produção de Calvino se insere. No entanto, se considerarmos que seu primeiro livro foi publicado em 1947, podemos afirmar que se insere no pós-modernismo. Olhando por outra perspectiva, ou seja, a partir da leitura de seus livros, alguns críticos afirmam que se trata do neorrealismo, ou do realismo fantástico. Em suma, é um escritor cuja obra se insere na pós-modernidade.

Podemos situar a pós-modernidade na literatura no período pós II Guerra Mundial (final da década de 1940), quando ocorreu o rompimento com os esquemas narrativos tradicionais, num momento em que se observou uma superação do movimento moderno, com a renovação do uso da linguagem e a adoção de uma postura universalizante, crise das

grandes narrativas, que foram substituídas por jogos de linguagem. Neste momento, as vanguardas não mais se enquadravam no mundo em reconstrução do pós-guerra.

Embora seja recorrente situarmos a pós-modernidade (ou pós-modernismo) no período pós-guerra, o historiador Perry Anderson afirma que a ideia de pós-modernismo foi lançada pela primeira vez no mundo hispânico na década de 1930, ou seja, uma geração antes da Inglaterra e EUA. O termo *postmodernismo* foi lançado pelo espanhol Federico de Onís⁴, e foi logo incluído no vocabulário da crítica literária hispanófila. No entanto, não houve grande ressonância, e só então voltou a aparecer no mundo anglófono cerca de vinte anos depois (ANDERSON, 1999).

Se considerarmos o lançamento do termo pós-modernismo por Onís na década de 1930, ao passo que há mais ou menos um consenso situando esta ideia no período pós-guerras, podemos propor que o movimento moderno já estaria passando por um momento de contestação no mundo hispânico, quando as chamadas vanguardas ainda estariam em evidência.

Em *O mal-estar da pós-modernidade*, Zygmunt Bauman argumenta sobre a impossibilidade da existência de uma vanguarda pós-moderna:

No cenário pós-moderno do presente, falar de uma vanguarda não faz sentido. Um artista ou outro pode agora assumir uma atitude recordada dos tempos do *Sturm und Drang* da alta modernidade – mas, sob as circunstâncias presentes, isso seria mais uma pose do que uma posição. Despido da significação do passado, não predizendo nada e não impondo nenhuma obrigação – um símbolo mais de bravata do que de rebeldia, e certamente não de fortaleza espiritual. A expressão “vanguarda pós-moderna” é uma contradição em termos. (BAUMAN, 1998, p. 127)

4 Federico de Onís Sánchez (1885-1966). Filólogo e historiador da literatura, graduou-se em Filosofia e Letras na Universidade de Salamanca, tendo realizado o doutoramento na Universidade de Madri. A partir de 1916, ocupou o cargo de professor de literatura espanhola na Universidade de Columbia, EUA, passando também pela Universidade do Texas, Porto Rico, entre outras. Disponível em: <<http://dbe.rah.es/biografias/7265/federico-de-onis-sanchez>> Acesso em: 03 jan. 2020.

Assim, com a superação do vanguardismo do período anterior, quando se observa a crise de ideologias sólidas, grandes manifestos etc., ocorreu a abertura de espaço para uma cultura mais fluida e leve, mas que também produziu incerteza, precariedade, individualismo e contradições, a necessidade de rapidez na informação.

Ainda sobre as vanguardas e os artistas pós-modernos, Bauman afirma que:

Em poucas palavras, pode-se dizer que, se a vanguarda modernista se ocupava de marcar as trilhas que levavam a um consenso “novo e aperfeiçoado”, o vanguardismo pós-moderno consiste não exatamente em desafiar e desabilitar a forma existente e reconhecidamente transitória de consenso, mas em solapar a própria possibilidade de qualquer acordo futuro, universal e, desse modo, sufocante. (BAUMAN, 1998, pp. 138-9)

Dessa maneira, seria então difícil de classificar o período pós-moderno como “movimento”, pois neste caso as vanguardas já não faziam mais sentido e nos dá a impressão de que apesar da ruptura com os paradigmas do movimento moderno, ainda é difícil afirmar com precisão os limites entre a modernidade e a pós-modernidade. O próprio termo “pós-moderno” é muito difuso e impreciso, além de ser difícil de se enquadrar em definições formais.

Na década de 1950, entretanto, tudo se potencializa, pois é o momento da sociedade de consumo do pós-guerra, quando também ocorre a intensificação da cultura de massa, da comunicação e da informação.

Ao classificar Italo Calvino como um autor pós-moderno precisamos pensar além da cronologia de sua produção, ou seja, é necessário olhar para as características de sua obra. As *idades invisíveis*, livro escolhido para este estudo, contém características que se enquadram na produção literária pós-moderna, quais sejam: diversidade, fluidez na narrativa, exploração de aspectos reais e imaginários sem um limite entre eles, polifonia.

Leyla Perrone-Moisés defende que se esclareça o que ela chama de mal-entendidos ao se classificar alguns autores como Jorge Luís Borges e Italo Calvino como pós-modernos.

Sobre Calvino, a autora o classifica como: “[...] aparentemente “aligeirado” como um pós-moderno, mas autor de fábulas de conteúdo ético-político e de *Por que ler os clássicos*, obra em que defende valores permanentes na literatura.” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 188).

A partir desta afirmação de Perrone-Moisés, podemos dizer que Calvino transitou entre os dois mundos, quais sejam, o da modernidade e o da pós-modernidade, porém no caso de *As cidades invisíveis*, é uma obra que podemos inserir no pós-modernismo, pois há referências por todo o livro, conforme observado anteriormente.

Publicado em 1972, *As cidades invisíveis* é um livro emblemático e também um dos trabalhos mais conhecidos de Italo Calvino. O livro é considerado por diversos autores como uma obra de inspiração oulipiana, ao lado de *O castelo dos destinos cruzados*, de 1973, e *Se um viajante numa noite de inverno*, publicado em 1979 (MOREIRA; FERRAZ, 2011; FUX; SANTOS, 2012; ALVES, 2015).

O Oulipo (*Ouvroir de Littérature Potentielle* – Ateliê de Literatura Potencial) é um grupo literário francês formado na década de 1960 por François Le Lionnais e Raymond Queneau. Este grupo, cujo enfoque é a produção literária a partir de elementos da matemática, influenciou a produção literária de Calvino, que passou a ser oficialmente membro do grupo em 1973, um ano após a publicação de *As cidades invisíveis*. Assim, pode-se afirmar que sua participação no grupo literário francês Oulipo foi fundamental para a escrita de *As cidades invisíveis*, livro do qual se trata este estudo.

Esta obra de ficção apresenta dois personagens históricos: Kublai Kahn, imperador da Mongólia, descendente de Gengis Kahn e o viajante veneziano do século XIII, Marco Polo. O primeiro, imperador de uma área vastíssima no Oriente e o segundo, um jovem mercador que serviu na corte do Kahn entre 1275 e 1278-9, sendo o primeiro a descrever cidades do Oriente. Em *As cidades invisíveis*, Marco Polo se refere a Kublai Kahn com o imperador dos “tártaros”.

A narrativa se inicia através de um diálogo entre Marco Polo e Kublai Kahn e se desenrola a partir das descrições de cidades do império fornecidas por Marco Polo, as quais o veneziano teria visitado, ou mesmo imaginado, conforme é afirmado no início do livro:

Não se sabe se Kublai Kahn acredita em tudo o que diz Marco Polo quando este lhe descreve as cidades visitadas em suas missões diplomáticas, mas o imperador dos tártaros certamente continua a ouvir o jovem veneziano com maior curiosidade e atenção do que a qualquer outro de seus enviados e exploradores. (CALVINO, 2017, p. 9)

Como objeto de estudo, são possíveis inúmeros tipos de análises do livro, tanto aquelas voltadas aos estudos literários como aquelas voltadas às ciências humanas e sociais, pois Calvino aborda inúmeras temáticas a partir de sua ficção. Dessa maneira, a nossa problemática se insere na análise de *As cidades invisíveis* sob a perspectiva da construção do livro a partir dos pressupostos do grupo literário Oulipo, nos quais elementos matemáticos se unem à literatura na forma de se produzir um texto literário. Outra questão a ser levantada é sobre a temática da cidade. Sabemos que a literatura é um fenômeno social e urbano, portanto a cidade em Italo Calvino não é somente o lócus da narrativa, mas é justamente o objeto/símbolo que predomina no livro, que vai muito além do título.

Italo Calvino proporciona uma certa autonomia ao leitor no sentido de que há várias possibilidades de leitura que vão além da convencional, ou seja, uma leitura com início, meio e fim. Este livro pode ser lido a partir de qualquer capítulo, mesmo que seja o último, pois não há um final, ou pelo menos não um final convencional. Esta autonomia proporcionada aos

leitores pode ser também considerada uma marca da pós-modernidade, pois ler o livro a partir de qualquer parte é uma escolha individual.

DESVENDANDO AS CIDADES INVISÍVEIS: A CONSTRUÇÃO GEOMÉTRICA DO LIVRO

Em 1973, Calvino se juntou ao grupo literário⁵ *Ouvroir de Littérature Potentielle* (Oulipo), fundado em 1960 por escritor Raymond Queneau⁶ e pelo matemático François Le Lionnais; também fizeram parte do grupo Georges Perec e Marcel Duchamp. Desde os primórdios, este grupo é formado por literatos e matemáticos, que propunham a produção de uma escrita influenciada por aspectos da matemática, a partir de criação de estruturas no texto literário que se aproximavam de jogos e até mesmo desafios, produzindo uma restrição formal que eles chamavam de *contraintes* (BÉNABOU, s.d.).

Raymond Queneau definiu a *littérature potentielle* como uma proposta que se voltava para a liberdade de criação dos autores e de novas formas de se produzir textos literários: “Nous appelons littérature potentielle la recherche de formes, de structures nouvelles et qui pourront être utilisées par les écrivains de la façon qui leur plaira.”⁷ (QUENEAU, apud BÉNABOU, s.d., s.p.)

De acordo com Darlan Roberto dos Santos e Jacques Fux, o principal fundamento do Oulipo é: “Questionar a visão mítica do “[...] poeta inspirado”, de “inspiração”, herdada dos românticos e utilizada como base pelos surrealistas.” (FUX; SANTOS, 2011, p. 251).

5 Embora alguns autores se refiram ao Oulipo como movimento literário (ALVES, 2015; COIMBRA, 2016), desde os primórdios suas propostas estavam voltadas à escrita lúdica e criativa, em contraposição ao vanguardismo e à figura mística em torno dos autores, como praticavam os surrealistas. Um movimento (como no caso das vanguardas) possui características marcantes que o determinam, quais sejam: ruptura com os padrões vigentes na literatura e nas artes em geral, questões políticas etc., mas no caso deste grupo francês, eles não almejavam nenhuma revolução neste sentido, mas explorar as possibilidades e potencialidades na literatura.

6 Em *Por que ler os clássicos*, há um capítulo dedicado a Raymond Queneau, intitulado *A filosofia de Raymond Queneau*.

7 Chamamos literatura potencial a busca de formas, de estruturas novas e que poderão ser utilizadas por escritores da maneira que quiserem. Tradução livre.

Assim, é a lógica matemática, as restrições (*constraints*), os jogos combinatórios que são usados na construção do texto literário, previamente pensados, sem a pretensa “inspiração mítica”, partindo do real, por mais abstrato que possa parecer num primeiro momento. É a literatura por ela mesma e o texto por ele mesmo. Neste caso, podemos dizer que a inspiração é potencializada, mesmo com a ideia das *constraints*.

Apesar de Calvino ter se juntado ao grupo em 1973, o seu contato com o grupo *Oulipo* se deu em 1964/5, no período em que morou em Paris. Dessa forma, pode-se pensar que a composição geométrica observada na estrutura de *As cidades invisíveis* pode ter sido por ele pensada a partir das propostas oulipianas. No entanto, Calvino afirmou que somente o índice possui o rigor oulipiano e não a obra como um todo, conforme informa Natalie Berkman:

C'est en fait lors d'une réunion privée de l'Oulipo (dont Calvino fut membre officiel à partir de 1973, mais sa participation remonte à bien avant) que l'auteur fait appel à la structure oulipienne générée par la table des matières: «*ce qu'il y a d'oulipien d[an]s Les Villes Invisibles: la table des matières ; sur le plan sémantique, pas de rigueur oulipienne.*»⁸. (BERKMAN, 2017, p. 183, grifo nosso)

Para Santos e Fux, em *As cidades invisíveis* é possível identificar uma das principais características do Oulipo, a *contrainte*: “[...] em *As cidades Invisíveis* a *contrainte* está na construção, estrutura e nas relações entre os capítulos.” (FUX; SANTOS, 2011, p. 254). É importante destacar que a construção do índice está de fato ligada aos pressupostos do Oulipo.

Outro fato interessante sobre o índice de *As cidades invisíveis* é que na sua primeira edição italiana este foi colocado no início do livro, forma bastante incomum nas publicações italianas (e também nas francesas), mas recorrente nas edições brasileiras, como a que nós utilizamos neste estudo. De acordo com Sandrine Granat-Robert, uma nota da primeira edição

⁸ Na verdade foi numa reunião privada do Oulipo (do qual Calvino foi membro oficial a partir de 1973, mas sua participação remonta a bem antes) que o autor recorreu à estrutura oulipiana gerada pelo índice: “o que há de oulipiano em *As cidades invisíveis*: o índice; no plano semântico, não há rigor oulipiano. Tradução livre.

italiana do livro indica que foi uma forma encontrada por Calvino de proporcionar ao leitor um primeiro contato privilegiado com o seu livro⁹ (GRANAT-ROBERT, 2015).

Em *As cidades invisíveis*, Calvino apresenta 55 cidades e todas elas possuem nomes femininos. O livro é dividido em 11 temas apresentados em 9 capítulos. O índice é um elemento que merece atenção no livro pela sua construção, em que o autor organizou os temas de forma alternada. Apesar da aparente rigidez geométrica adotada no índice, conforme lemos os textos tudo é colocado de maneira muito fluida e é possível perceber que as temáticas vão se conectando.

No prefácio incorporado em 1996 a uma edição francesa do livro, Calvino esclarece que em *As cidades invisíveis*

[...] aucune ville n'est reconnaissable. Toutes ces cités sont inventées; je leur ai donné à chacune un nom de femme. Le livre se compose de courts chapitres, chacun étant prétexte à une réflexion que vaut pour toute ville ou pour la ville en général.¹⁰ (CALVINO, 1996, p. I)

Apesar de nenhuma cidade descrita por Calvino poder ser reconhecida, mapeada ou comparada com qualquer cidade real, existe a possibilidade de reflexão sobre a cidade de modo geral, de forma que as cidades descritas por Marco Polo se tornaram símbolos complexos e atemporais que remetem às cidades existentes, sejam elas antigas ou contemporâneas.

Segundo Calvino, a ideia de cidade que o livro apresenta não é apenas atemporal, mas também se refere à cidade de sua época:

9 [...] c'est bien le premier contact, le contact privilégié que l'écrivain choisit de donner à son lecteur dans la première édition de son livre, selon une note des curateurs de l'édition des « Meridiani ». In. GRANAT-ROBERT, Sadrine. *Les Villes Invisibles* de Calvino, Ouvrir de Littérature «Poétentielle» et «Oscillatoire». Thèse de doctorat. Université D'Aix-Marseille, 2015. Tradução livre: “[...] é o primeiro contato, o contato privilegiado que o escritor escolheu dar ao seu leitor na primeira edição de seu livro, segundo uma nota dos curadores da edição dos “Meridiani”.

10 [...] nenhuma cidade é reconhecível. Todas estas cidades são inventadas; eu lhes dei um nome de mulher. O livro é composto por curtos capítulos, cada um sendo pretexto para uma reflexão que vale para qualquer cidade ou a cidade em geral. Tradução livre.

Je ne crois pas que le livre évoque seulement une idée atemporelle de ville, mais plutôt que s’y déroule, de façon tantôt implicite, tantôt explicite, une discussion sur la ville moderne. J’entends dire par quelques amis urbanistes que le livre touche différents aspects de leur problématique, et ce ne pas un hasard puisque le *background* et le même. Et la métropole des «*big numbers*» n’apparaît pas seulement vers la fin du livre: même ce qui ressemble à l’évocation d’une ville archaïque n’a de sens que si on la pense et l’écrit en gardant sous les yeux de la ville d’aujourd’hui.¹¹ (CALVINO, 1996, p. V-VI)

Calvino criou suas cidades a partir de sua visão de habitante e espectador da cidade contemporânea (ou pós-moderna), ou seja, daquilo que ele conhecia e vivenciava no seu cotidiano, do seu conhecimento anterior, de suas experiências particulares e em sociedade.

Sobre Marco Polo e o fato de as cidades serem invisíveis, notadamente ao imperador Kublai Kahn, Calvino argumenta: “Ce qui importe à mon Marco Polo c’est de découvrir les raisons secrètes qui ont conduit les hommes à vivre dans les villes, raisons qui voudront au-delà de tout crise.”¹² (CALVINO, 1996, p. VI).

Esta afirmação pode ser associada à descrição de Isidora (*As cidades e a memória*, 1 – 2), ainda no início do livro: “O homem que cavalga longamente por terrenos selváticos sente o desejo de uma cidade.” (CALVINO, 2017, p. 12) Aqui podemos afirmar que na descrição de Marco Polo se observa a necessidade própria do homem de viver em sociedade, fixar-se nela e interagir com os outros.

As cidades são invisíveis ao Kahn. Devido a vastidão do seu império, Kublai Kahn conta com os relatos de seu embaixador Marco Polo para ter uma noção das cidades que dele

11 Eu não creio que o livro se refira somente a uma ideia atemporal de cidade, mas sim a uma discussão implícita ou explícita sobre a cidade moderna. Ouço dizer por alguns amigos urbanistas que o livro toca diferentes aspectos da sua problemática, e não é por acaso que o *background* é o mesmo. E a metrópole dos “*big numbers*” não aparece somente no final do livro: mesmo aquilo que se assemelha à evocação de uma cidade arcaica só tem sentido se a considerarmos e escrevermos sob os olhos da cidade de hoje. Tradução livre.

12 O que importa ao meu Marco Polo é descobrir as razões secretas que levaram os homens a viver nas cidades, razões que vão querer ultrapassar qualquer crise. Tradução livre.

fazem parte. Entretanto, as descrições de Marco Polo das cidades onde ele teria passado são muitas vezes impossíveis de se identificar e entender a partir de exemplos reais e vividos pelo imperador dos tártaros.

Assim, elas são invisíveis ao imperador de várias maneiras: por não entender a língua falada pelo viajante, que por vezes utilizava gestos, movimentos, sons para lhe descrever as cidades; por não as conhecer, pela impossibilidade de entendê-las em sua totalidade.

Ainda no prefácio da edição francesa, Calvino explica como se deu a organização dos temas e capítulos:

A la fin, j'ai décidé de m'arrêter à 11 séries de 5 textes ; chaque chapitre rassemble de textes de ces différentes séries qui auraient en commun un certain climat. Le système selon les séries alternent est le plus simple qui soit, même si certains ont beaucoup travaillé pour lui trouver une explication.¹³ (CALVINO, 1996, p. III-IV)

Embora exista esta divisão aparentemente rígida, Calvino argumenta que esta é muito mais simples do que parece, o que pode esclarecer a sua proposta em relação à organização e estrutura do livro quando este trabalho foi escrito, pois conforme foi anteriormente comentado, há em *As cidades invisíveis* a possibilidade de ser lido a partir de qualquer ponto, seja do início, do final, somente os textos voltados às cidades, ou somente os textos em itálico ou capítulos que podem ser lidos por temas, como por exemplo, As cidades e a memória, As cidades e o desejo, As cidades e o céu, As cidades e os olhos etc.

Em seu livro póstumo *Seis propostas para o próximo milênio*, na conferência denominada *Exatidão*, Calvino esclarece a fluidez na construção de sua narrativa:

13 No final, decidi parar em 11 séries de 5 textos; cada capítulo reúne textos dessas diferentes séries que teriam um certo clima em comum. O sistema conforme as séries se alternam é o mais simples possível, embora alguns tenham trabalhado muito para encontrar uma explicação. Tradução livre.

[...] consegui construir uma estrutura facetada em que cada texto curto está próximo dos outros numa sucessão em que não implica uma consequencialidade ou uma hierarquia, mas uma rede dentro da qual se podem traçar múltiplos percursos e extrair conclusões múltiplas e ramificadas. (CALVINO, 2019, p. 88)

Esta passagem esclarece que *As cidades invisíveis* possui marcas próprias da pós-modernidade, pois Calvino demonstrou em sua fala a organização fluída da narrativa, como uma rede composta por percursos e conclusões diversas.

Vale lembrar que cada capítulo é precedido por textos em itálico, nos quais Calvino apresenta conversas e reflexões de Marco Polo e Kublai Kahn, e também funcionam como um fio condutor da narrativa.

Os 9 capítulos que compõem o livro se apresentam no formato de pequenos contos. A escrita breve, no formato que pode ser denominado de pequeno conto, pode dizer muito sobre a maneira de se ler *As cidades invisíveis*. Se são pequenos contos, pressupõe-se que cada um deles tenha enredo próprio, que embora estejam conectados, são independentes e podem ser lidos de maneira isolada e aleatória. Segundo Luana Raquel da Silva Coimbra, Calvino se inspirou no escritor argentino Jorge Luís Borges, com sua “escrita breve.” (COIMBRA, 2016)

Sobre a “escrita breve” de Borges, Calvino faz algumas considerações em *Seis propostas para o próximo milênio* sobre o primeiro conto do autor publicado em 1940, *El acercamiento a Almotásim*, no qual ele utiliza uma técnica própria de escrita breve e concisa:

Nasce com Borges uma literatura elevada ao quadrado e ao mesmo tempo uma literatura que é como a extração da raiz quadrada de si mesma: uma “literatura potencial”, para usar a terminologia que será mais tarde aplicada na França [...]. (CALVINO, 2019, p. 65)

Nesta passagem Calvino está claramente se referindo ao grupo literário Oulipo, que além de produzir a denominada literatura potencial, buscava encontrar elementos de suas proposições em obras produzidas antes da criação do grupo, como por exemplo o palíndromo, conforme apontado por Bénabou: “[...] travailler sur des œuvres littéraires passées pour y retrouver les traces, parfois évidentes, parfois plus difficiles à déceler, de l’utilisation de structures, formes, ou contraintes.”¹⁴ (BÉNABOU, s.d, s.p.)

Vale ressaltar que o Oulipo foi um grupo criado justamente no período que se convencionou chamar de pós-modernidade, na década de 1960, e sem nenhuma pretensão de se afirmar como vanguarda ou lançar paradigmas no que se refere à produção literária.

PRESSUPOSTOS DO OULIPO PRESENTES EM *AS CIDADES INVISÍVEIS*

As cidades descritas como parte do império mongol podem ser definidas, metaforicamente, como peças num tabuleiro de xadrez. Calvino esclarece que esta metáfora, entre outros aspectos do livro, é um conceito dúplice. Para tanto, ele explica como Kublai Kahn se utiliza dessa metáfora para entender a extensão de seu império, bem como as cidades que dele fazem parte:

[...] A certo momento Kublai Khan personifica a tendência racionalizante, geometrizarante ou algebrizante do intelecto, e reduz o conhecimento do seu império a uma combinatória das peças de um tabuleiro de xadrez; as cidades que Marco Polo lhe descreve com grande abundância de detalhes são representadas por ele como tal ou qual disposição das torres, bispos, cavalos, rei, rainha, peões sobre as casas brancas e pretas. (CALVINO, 2019, p. 88)

É possível a partir da forma como Calvino agrupou os temas no índice e no decorrer da narrativa, dispor as cidades numa espécie de tabuleiro de xadrez, relacionando-as às suas

14 [...] trabalhar em obras literárias passadas para encontrar os traços, por vezes evidentes, por vezes mais difíceis de detectar, da utilização de estruturas, formas ou *contraintes*. Tradução livre.

respectivas temáticas, pois é um tema recorrente em alguns momentos do livro. Ana Carina Oliveira Silva elaborou um quadro (Quadro 1) que apresenta a ideia do tabuleiro de xadrez, que personifica a aparente rigidez da obra:

QUADRO 1: Representação física da disposição das cidades em *As cidades invisíveis* num quadro semelhante a um tabuleiro de xadrez. Adaptação do quadro produzido pela autora de acordo com a edição brasileira.

Tema	1	2	3	4	5
As cidades e a memória	Diomira I	Isidora I	Zaira I	Zora I	Maurília II
As cidades e o desejo	Doroteia I	Anastácia I	Despina I	Fedora II	Zobeide III
As cidades e os símbolos* ¹⁵	Tamara I	Zirma I	Zoé I	Ipásia III	Olívia IV
As cidades delgadas* ¹⁶	Isaura I	Zenóbia II	Armila III	Sofrônia IV	Otávia V
As cidades e as trocas	Eufêmia II	Cloé III	Eutrópia IV	Ercília V	Esmeraldina VI
As cidades e os olhos	Valdrada III	Zemrude IV	Bauci V	Fílida VI	Moriana VII
As cidades e o nome	Aglaura IV	Leandra V	Pirra VI	Clarice VII	Irene VIII
As cidades e os mortos	Melânia V	Adelma VI	Eusápia VII	Argia VIII	Laudômia IX
As cidades e o céu	Eudóxia VI	Bersabeia VII	Tecla VIII	Perínia IX	Ândria IX
As cidades contínuas	Leônia VII	Trude VIII	Procópia IX	Cecília IX	Pentesileia IX
As cidades ocultas	Olinda VIII	Raíssa IX	Marósia IX	Teodora IX	Berenice IX

Fonte: SILVA, Ana Carina Oliveira. Para uma cartografia imaginária (Desfragmentação de “As cidades invisíveis” de Italo Calvino). Dissertação de Mestrado. Escola de Arquitetura. Universidade do Minho, 2013, p. 22.

15 Na edição portuguesa: As cidades e os sinais.

16 Na edição portuguesa: As cidades subteis.

Este quadro é interessante porque podemos identificar fisicamente a forma como Calvino pode ter pensado a organização do livro, especialmente no que se refere à geometria do índice e que muito se assemelha a um tabuleiro de xadrez. No índice, cada capítulo contém 5 cidades pertencentes a temas distintos, numa ordem numérica inversa e decrescente, ou seja, para cada capítulo as cidades aparecem na sequência 5,4,3,2,1. Os capítulos I e IX, apresentam uma simetria tanto nos temas quanto no número de cidades que comportam, pois ambos contam com 10 cidades, enquanto os outros contêm 5 cidades. Todos os capítulos somam ao todo 55 cidades. Entre os capítulos se encontram 18 textos em itálico, que não aparecem neste quadro.

Bauci (*As cidades e os olhos*, 5 – 3) foi colocada no meio do livro, aparentemente como um eixo que norteia esta organização simétrica e geométrica observada no índice.

É importante destacar que essa geometria explicitada na metáfora do tabuleiro de xadrez possui uma ligação muito próxima com a cidade e o seu plano, ou seja, sua planta elaborada geometricamente; em outras palavras, a forma da cidade. Certamente que também está ligada às propostas do Oulipo.

Calvino fornece informações acerca da construção de *As cidades invisíveis*, na qual o autor identifica a cidade como um símbolo complexo:

Outro símbolo, ainda mais complexo, que me permitiu maiores possibilidades de exprimir a tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado das existências humanas, foi o da cidade. Se meu livro *Le città invisibili* continua sendo para mim aquele em que penso haver dito mais coisas, será também porque tenha conseguido concentrar em um único símbolo todas as minhas reflexões, experiências e conjecturas [...]. (CALVINO, 2019, p. 87-8)

A complexidade a que Calvino se refere não está na forma da cidade, mas na relação entre a forma racional e geométrica e a existência humana que é o que faz da cidade um símbolo complexo, pois uma cidade sem seus habitantes é morta, e sem as relações humanas



o urbano – ou a urbanidade – não existe. Outro fator importante para a urbanidade é a identidade de uma cidade, que se forma a partir dos hábitos e usos do espaço público pelos cidadãos, que caracterizam a vida urbana. No entanto, urbanidade é conceito muito difuso e pode envolver inúmeras características muito particulares.

A literatura é um fenômeno urbano, portanto é fato que a cidade seja um símbolo a ser representado por ela mesma, ou seja, a partir de uma construção inventiva como em *As cidades invisíveis*. O historiador Bernard Lepetit comenta a complexidade da cidade de forma aproximada ao pensamento de Calvino:

[...] a cidade é, em si mesma, um objeto complexo em que se manifestam todos os fenômenos de interação, um conjunto que é mais do que a soma de suas partes. A complexidade do sistema urbano e a evolução de suas formas de organização fazem da cidade um objeto específico, a compreender-se historicamente por si mesmo. (LEPETIT, 2001, p. 39-40)

Embora estejamos pensando a literatura e não com a literatura, esta passagem de Lepetit nos ajuda a refletir tanto sobre a ficção do livro de Italo Calvino como a partir de uma reflexão sobre um símbolo real que é a cidade.

Em *As cidades invisíveis*, cada uma das cidades descritas por Marco Polo possui características muito peculiares, mas todas – ou quase todas – trazem um pouco das características de sua cidade natal, Veneza.

Num dado momento, Kublai Kahn questiona Marco sobre porque o viajante nunca fala de Veneza, sua cidade natal, mas Marco responde que a cada cidade que descreve, está também falando um pouco sobre Veneza. O viajante ainda faz algumas reflexões sobre a sua cidade e sobre a possibilidade de tê-la perdido, pois pode nunca mais retornar à sua cidade natal:

– Resta uma que você jamais menciona.
Marco Polo abaixou a cabeça.



- Veneza – disse o Kahn.
- E de que outra cidade imagina que eu estava falando?
O imperador não se afetou.
- No entanto, você nunca citou o seu nome. (CALVINO, 2017, p. 104-5)

Marco Polo, então, responde ao imperador: “– Todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza.” (CALVINO, 2017, p. 105).

Esmeraldina (*As cidades e as trocas*, 5 – 6) traz um pouco das características de Veneza, pois também possui canais e áreas transbordadas.

Em Esmeraldina, cidade aquática, uma rede de canais e uma rede de ruas sobrepõe-se e entrecruza-se. Para ir de um lugar a outro, pode-se sempre escolher entre o percurso terrestre e o de barco: e, como em Esmeraldina a linha mais curta entre dois pontos não é uma reta mas um zigue-zague que se ramifica em tortuosas variantes, os caminhos que se abrem para o transeunte não são dois mas muitos, e aumentam ainda mais para quem alterna trajetos de barcos e transbordos em terra firme. (CALVINO, 2017, p. 107)

Ao que parece, Marco Polo procurava identificar nas cidades por onde passava indícios que se assemelhavam a sua cidade natal, e no caso de Esmeraldina, é evidente a similaridade com Veneza.

Zemrude (*As cidades e os olhos*, 4 – 2) aparenta ser duas cidades ao mesmo tempo, pois há uma na parte de cima e outra na parte de baixo, de forma muito peculiar. No início de sua descrição, diz Marco Polo: “É o humor de quem a olha que dá forma à cidade de Zemrude.” (CALVINO, 2017, p. 79).

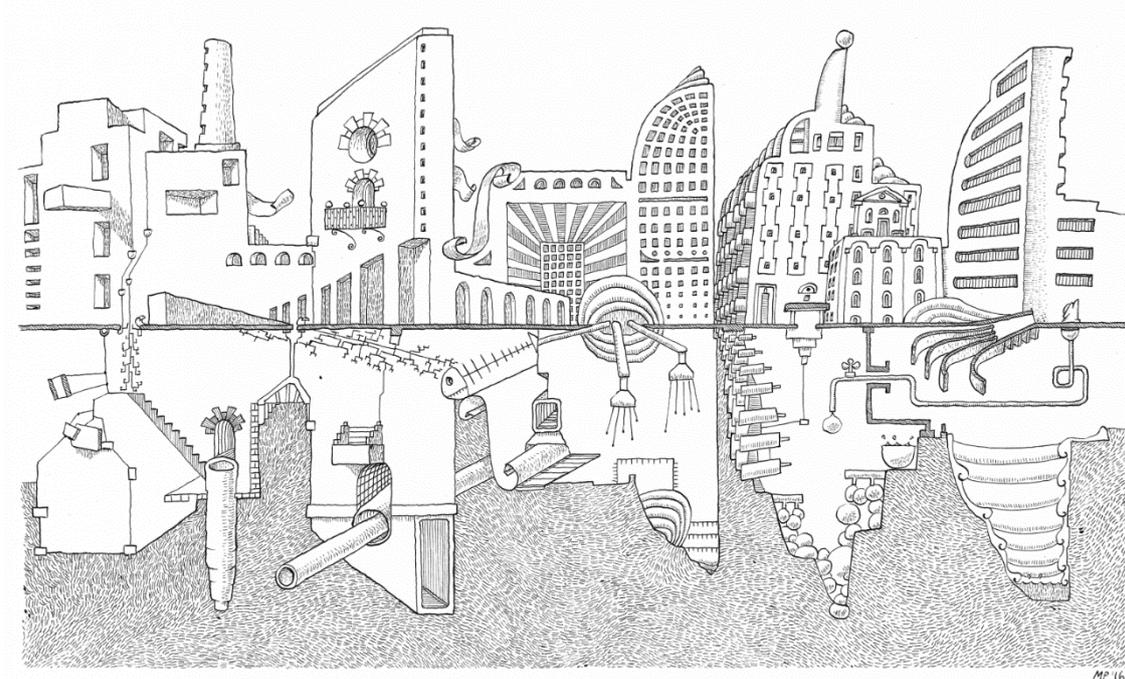
Ao mencionar “o humor de quem olha”, Calvino apresenta uma marca da pós-modernidade, relacionada ao sentimento de quem observa Zemrude. E Marco Polo ainda continua:

Quem passa assobiando, com o nariz empinado por causa do assobio, conhece-a de baixo para cima: parapeitos, cortinas ao vento, esguichos. Quem caminha com o queixo no peito, com as unhas fincadas nas palmas das mãos, cravará os olhos na altura do chão, dos córregos, das fossas, das redes de pesca, da papelada. (CALVINO, 2017, p. 79)

A cidade é definida de acordo com quem a olha e da maneira como a olha.

O arquiteto italiano Mateo Pericoli, responsável pela ilustração da edição brasileira lançada em 2017 de *As cidades invisíveis*, apresenta sua visão sobre algumas cidades descritas no livro¹⁷. Na sua ilustração de Zemrude (Figura 1), é possível ter uma noção sobre a descrição desta cidade:

FIGURA 1: PERICOLI, Mateo. Zemrude. Ilustração para a edição brasileira (Companhia das Letras) lançada em 2017 de *As cidades invisíveis* elaborada pelo arquiteto Mateo Pericoli.



Fonte: Drawings for a new edition of Italo Calvino's *Invisible Cities*. Disponível em: <<http://matteopericoli.com/portfolio-item/invisible-cities/>> Acesso em: 09 dez. 2019.

17 Cidades ilustradas por Mateo Pericoli: Diomira, Sofrônia, Zemrude, Otávia, Bauci, Moriana, Argia e Trude.



A visão de Mateo Pericoli nesta ilustração de Zemrude é muito interessante porque mostra duas cidades, uma na parte superior e outra na parte inferior, ou subterrânea, com algumas aproximações entre si e também suas correspondências, ou seja, parapeitos, cortinas ao vento na parte de cima e córregos, fossas etc., na parte de baixo, conforme a descrição de Marco Polo.

Marco Polo vai além na sua descrição de Zemrude, na qual podemos identificar a forma desta cidade a partir do humor de quem a olha:

Não se pode dizer que um aspecto da cidade seja mais verdadeiro do que o outro, porém ouve-se falar da Zemrude de cima sobretudo por parte de quem se recorda dela ao penetrar na Zemrude de baixo, percorrendo todos os dias as mesmas ruas e reencontrando de manhã o mal humor do dia anterior incrustado ao pé dos muros. (CALVINO, 2017, p. 79)

A última cidade descrita no livro, Berenice (*As cidades ocultas*, 9 – 5), é formada por duas cidades – a dos justos e a dos injustos –, e apresenta duas temporalidades: a cidade que é e a cidade que será. Marco Polo evoca duas cidades ao descrever Berenice, a cidade justa parece estar oculta na cidade injusta.

Em vez de falar de Berenice, cidade injusta [...] eu deveria falar da Berenice oculta, a cidade dos justos [...] Contanto que se tenha em mente o que estou para dizer: na origem da cidade dos justos está oculta, por sua vez, uma semente maligna: a certeza e o orgulho de serem justos [...] Uma outra cidade injusta, portanto, apesar de diferente da anterior, está cavando o seu espaço dentro do duplo invólucro das Berenices justa e injusta. (CALVINO, 2017, pp. 195-7)

Marco Polo na sua descrição de Berenice parece tentar explicar ao Khan as relações que se dão na cidade, através de conceitos dicotômicos como justiça/injustiça. As duas



idades, de acordo com a descrição do viajante, se confundem e parecem formar uma outra cidade, ou seja, a Berenice oculta.

Ainda, esta outra Berenice oculta está revelando o desenvolvimento de uma grande cidade, uma metrópole:

[...] Mas, se se perscruta ulteriormente no interior desse novo germe de justiça, descobre-se uma manchinha que se dilata na forma de crescente inclinação a impor o justo por meio do injusto, e talvez seja o germe de uma imensa metrópole [...]. (CALVINO, 2017, p. 197)

Para finalizar sua descrição de Berenice, Marco Polo evoca as temporalidades presentes em Berenice:

Pelo meu discurso, pode-se tirar a conclusão de que a verdadeira Berenice é uma sucessão no tempo de cidades diferentes, alternadamente justas e injustas. Mas o que eu queria observar é outra coisa: que todas as futuras Berenices já estão presentes neste instante, contidas uma dentro da outra, apertadas espremidas inseparáveis. (CALVINO, 2017, pp. 198-8)

A temporalidade mencionada por Marco Polo não se refere ao passado da cidade, mas ao presente, e apesar de evocar um passado elas se projetam para o futuro, como uma metrópole e todas as suas contradições e mazelas. E ainda podemos levantar a hipótese de que Berenice (ou as Berenices) seja uma espécie de síntese de todas as outras cidades descritas no livro, ocultas, invisíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Homem de seu tempo, Calvino foi um escritor com muito potencial criativo que sempre estava em busca de novas possibilidades de escrita. Em *As cidades invisíveis* isso é evidente na medida em que a própria construção do livro alude à chamada literatura



potencial difundida pelo grupo literário francês Oulipo, notadamente no índice e sua construção geométrica até na forma como os textos e temáticas vão se alternando. Há também a liberdade de leitura do livro a partir de qualquer uma de suas partes, seja de forma convencional – início, meio e fim – seja de forma aleatória, sem comprometer em nada a compreensão do livro.

Italo Calvino foi também um crítico literário relevante, escrevendo inclusive sobre sua produção literária, conforme pode ser visto em *Seis propostas para o próximo milênio*, que não é exatamente um trabalho exclusivo sobre suas obras, mas que em diversos momentos menciona seus livros e como os pensou.

Sua participação no Oulipo foi fundamental para a produção de *As cidades invisíveis*, embora ele mesmo tenha dito que somente o índice foi construído a partir da proposta oulipiana, que utiliza aspectos da matemática para a produção de textos literários. A cidade, temática recorrente em sua obra, foi trabalhada dentro de toda a sua complexidade, nas suas formas, nas relações sociais, da leveza, memória, desejos, os olhos, ou o olhar de quem vê uma cidade, sendo capaz de lhe dar uma forma, como acontece em Zemrude.

Apesar da difícil classificação, *As cidades invisíveis*, assim como seu autor, é um livro que se enquadra no que se convencionou chamar de pós-modernismo, ou pós-modernidade, pois estão presentes aspectos que assim o qualificam, tais como a fluidez na narrativa, diversidade, exploração de aspectos reais e imaginários sem estabelecer um limite entre eles, temporalidades diferentes e que se complementam. Em suma, é um livro emblemático e que pode ser analisado sob várias perspectivas que vão além dos estudos literários, pois a cidade – mas não só ela, pois temos todo um mundo virtual em plena atividade – ainda é o lócus das relações humanas, da cultura, do saber, das trocas, da velocidade, da informação.



REFERÊNCIAS

ALVEZ, Luiz Roberto. A cidade invisível de Calvino: os modos de organizar e visibilizar o visível. *Estudos Avançados*. v. 29, n. 85. São Paulo, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000300022. Acesso em: 19 ago. 2019.

ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BÉNABOU, Marcel. Historique de l'Oulipo. Disponível em: <https://www.ouliipo.net/fr/historique-de-loulipo>. Acesso em: 23 out. 2019.

BERKMAN, Natalie. Comment j'ai écrit un de mes livres: La double genèse de Si par une nuit d'hiver un voyageur d'Italo Calvino. *Genesis* [en ligne], 45 | 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/genesis/2993#bodyftn14>. Acesso em: 19 nov. 2019.

BIOGRAFIA de Federico de Onís Sánchez. Disponível em: <http://dbe.rah.es/biografias/7265/federico-de-onis-sanchez>. Acesso em: 03 jan. 2020.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CALVINO, Italo. *Les Villes Invisibles*. Préface par Italo Calvino. Paris: *Éditions du Seuil*, 1996. Disponível em: <https://2016ba1atelier1.files.wordpress.com/2015/10/calvino-les-villes-invisibles-1972-extraits.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

COIMBRA, Luana Raquel da Silva. Italo Calvino por Italo Calvino: A relação escritor-crítico e a memória da literatura em *As cidades invisíveis* e *Se um viajante numa noite de inverno*. *Revista Athena*. v. 11, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/2136/1768>. Acesso em: 20 set. 2019.

FERRAZ, Bruna Fontes; MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Como escrevi um dos meus livros, de Italo Calvino. In: ALMEIDA FILHO, Eclair Antonio. Como escrevi um dos meus livros. Tradução (Comment j'ai écrit un de mes livres). *Outra Travessia*. Florianópolis, p. 221-247, jan. 2011. Disponível em:



<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2011n12p221/19269>. Acesso em 12 nov. 2019.

FUX, Jacques; SANTOS; Darlan Roberto dos. A contemporaneidade do Oulipo. *Estação Literária*. Londrina: v. 9, Jun. de 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL9Art18.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2019.

GRANAT-ROBERT, Sandrine. *Les Villes Invisibles* de Calvino, Ouvroir de Littérature «Poétentielle e Oscillatoire». Thèse de doctorat. Université D'Aix-Marseille, 2015.

LEPETIT, Bernard. *Por uma nova História Urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

PERICOLI, Mateo. Drawings of a new edition of a Italo Calvino's *Invisible Cities* (Companhia das Letras, Brasil, 2017). Disponível em: <http://matteopericoli.com/portfolio-item/invisible-cities/>. Acesso em: 09 dez. 2019.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Ana Carina Oliveira. Para uma cartografia imaginária (Desfragmentação de "As cidades invisíveis" de Italo Calvino). Dissertação. (Dissertação de Mestrado). Escola de Arquitetura. Universidade do Minho, 2013.